

A11210

# Histórias são 009 muitas em Paul

Durante vários anos o bairro de Paul, em Vila Velha, sofreu o impacto da poluição causada pelo carvão que a Usiminas estocava em seu pátio na região. A esse tipo de poluição, somava-se outro: o ruído constante gerado pelo embarque de minério pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), que ainda mantém atividades no local por onde passa, diariamente, seu trem de cargas. A Usiminas cedeu espaço à Codesa, que agora opera com granéis sólidos e carga geral e pretende movimentar 50 toneladas de granéis, naquele terminal, no ano que vem. O carvão acabou mas ficou o barulho causado pelas operações da CVRD e os transtornos gerados pelo transporte de cargas pesadas pela avenida Jerônimo Monteiro.

Toda a região de Paul apresenta um aspecto meio sombrio. Paulo está carregado de histórias dos homens da Vale, hoje aposentados, que trabalharam a vida inteira na estatal e hoje passam seus dias num bairro onde, independente da poluição, vêm como privilegiado. Afinal, ele está próximo do centro da capital, por ligação rodoviária e também através de lanchas da Comdusa. E tem outra vantagem, enchergada pelo aposentado Antônio Gomes, 55: recebe visitantes estrangeiros com frequência, caras novas vindas do Japão, Alemanha, encontradas facilmente em bares tradicionais como o Estrela, de Eutímio João Borlot, 55, que está há 34 anos no bairro.

Borlot é um especialista na arte de receber esses visitantes, homens que trabalham nos navios e que se divertem ali, em momentos de folga, durante a noite. Sabe, por exemplo, que japoneses e coreanos “não gastam quase nada” e que os ingleses e alemães são os que mais consomem. Bacardi com gelo e Coca-Cola é a bebida preferida. Por conta desses “contatos internacionais”, o comerciante se orgulha de saber falar um pouquinho de inglês.

Mas o reconhecimento de vantagens nas atividades portuárias no município — além de Paul, a Codesa também mantém em operação o porto de Capuaba, no bairro de mesmo nome — é praticamente nenhum, à exceção do aspecto comercial. “A comunidade se irrita muito mais do que se orgulha de todos esses trabalhos de carga e descarga de navios”, garante Gelder Antônio Marchezi, 33, da Associação de Moradores de Paul.

Sal grosso, vergalhões e bobinas de aço

Sal grosso, vergalhões e bobinas de aço — além de outras cargas — são transportados diariamente por enormes caminhões que passam pela estreita estrada Jerônimo Monteiro. Marchezi diz que o sal é derramado na via tendo ação corrosiva sobre os veículos e, além disso, os moradores vivem com medo de que as cargas pesadas “despenquem” das carrocerias dos caminhões, fato já registrado.

Até a carga que chega ou sai por Capuaba transita por Paul e outros bairros vizinhos, através da estrada, embora a Codesa, para instalar o porto, tenha construído uma ligação apropriada, ligando-o à rodovia Carlos Lindenberg, que é dimensionada para transporte pesado. Marchezi cita também a poluição causada pelas operações da CVRD. O minério, quando transportado e também descarregado nos porões dos navios, solta poeira no ar e causa muito barulho.

De sua casa, no morro de Atalaia, Sônia Maria Ferreira Barros, 41, e sua filha Flávia, 15, vivem essa realidade diuturnamente. “Existe um acordo para que a Vale só opere até às 22 horas, mas outro dia mesmo eu tive que ligar para lá porque o barulho continuava depois da hora marcada”, diz Sônia, que afirma experimentar, com sua família, o stress provocado pela poluição sonora. “Junta tudo dentro de casa: o barulho do ferro caindo nos porões dos navios, o ruído da televisão e nossas vozes, que têm de estar sempre altas para compensar o barulho lá de fora”, diz ela. De bonito fica o visual que mãe e filha podem desfrutar da enorme varanda da casa, de onde se vê o mar e, além do terminal de Paul, o cais comercial de Vitória, com a capital ao fundo.

A poeira “triste”, como a define o morador José Francisco, 65, e a poluição sonora, a Associação de Moradores pretende reduzir solicitando à CVRD a instalação de uma “cortina verde”, que separe sua área de operações do bairro. “Vamos pedir as mudas e esperar que a empresa colabore com a gente”, diz Marchezi.